

O CONTO NA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS: O CASO DO PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO

José Ramos Barbosa da Silva ¹

RESUMO

Este artigo trata do uso do conto na alfabetização de adultos, numa análise que desenvolve duas partes diferenciadas e estreitamente vinculadas entre si. A primeira, sobre a importância da alfabetização para a vida das pessoas que sobrevivem em sociedades letradas e a segunda sobre o uso do conto como artifício da alfabetização, tendo como eixo de referência o trabalho de escolarização desenvolvido pelo Projeto Escola Zé Peão (PEZP), ação de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em conjunto com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil, Pesada, Montagem, e do Mobiliário de João Pessoa e região (SINTRICOM), realizado entre os anos de 1990 a 2018. Uma apreciação que se justifica por ser a alfabetização nas atuais sociedades uma das portas para a cidadania, sendo ela parte inerente ao direito à educação e um pilar indispensável à participação nas oportunidades de aprendizagens em todas as fases do continuum da aprendizagem. Análise interligada às Ciências Humanas e Sociais que percorre a fundamentação científica do estudo de caso. E, pelos argumentos reunidos neste artigo, enriquece as discussões acerca da metodologia do conto em quefazer da alfabetização. Um trabalho que percorre o labirinto teórico traçado por Magda Soares, Paulo Freire, Vera Esther Ireland, entre outros, acerca do processo da alfabetização. Conclui que o conto permite abordagens metodológicas analíticas e com sentido no processo alfabetizador e que a alfabetização de adultos vai além da apropriação do artefato cultural que é o sistema alfabético de escrita, ela inclui o sujeito da aprendizagem e seu contexto, além de ser utensílio indispensável ao empoderamento pessoal, social, econômico e político, o primeiro passo para a escolaridade, um instrumento necessário para as lutas sociais contemporâneas, um pré-requisito para a ampliação das capacidades dos indivíduos no mundo do trabalho e nos desafios diários da vida.

Palavras-chave: Alfabetização de Adultos, Educação de Jovens e Adultos, O conto na alfabetização.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como fio condutor a alfabetização, que, na definição de Tfouni (2010), “refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de Linguagem”. Processo que é levado a efeito através do trabalho escolar. Procedimento que, de acordo com o Marco de Ação de Belém (2010, p. 7), “é um pilar indispensável que permite que jovens e adultos participem de oportunidades de aprendizagem em todas as fases do *continuum* da

¹ Professor-Doutor em Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, jrbs@academico.ufpb.br

aprendizagem”. Segundo o texto da Constituição de 1988, no Art. 205, a educação escolar no Brasil está assegurada como “direito de todos e dever do Estado e da família (...), visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Direito reconhecido e asseverado pela Lei que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996), a qual afirma, no seu Art. 5º, que o “acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo”.

Foi em meio a essa conjuntura de reconhecimento dos direitos legais de brasileiros, mesmo antes da promulgação da LDB/96 – lei que constitui a educação de jovens e adultos (EJA) como uma modalidade nacional de educação –, que o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil, Pesada, Montagem e do Mobiliário de João Pessoa e Região (Sintricom) solicitou à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) um projeto de extensão destinado a alfabetizar os operários da construção civil. Empreitada que fez nascer o Projeto Escola Zé Peão (PEZP), em 1990. Iniciativa que, do lado da Universidade, foi conduzida por professores pertencentes ao Departamento de Metodologia da Educação (DME), do Centro de Educação (CE), cuidadosos por uma educação escolar de qualidade. Esses professores fizeram com que, nesta iniciativa, em reuniões específicas, houvesse discussões acerca das definições de alfabetização e dos métodos a ser adotada nesta fase de escolarização, a alfabetização. Proposta de extensão universitária que se dá durante o Governo Collor de Mello, período em que o neoliberalismo se afirma como direcionamento político do país.

Da parte do Sintricom havia o desejo de que os operários, uma vez alfabetizados, engajassem-se nas lutas da categoria em prol de melhores salários e melhorias das condições de vida e trabalho. Dessa bifurcação, que reunia as necessidades relativas ao fortalecimento de atividades sindicais de trabalhadores com os debates universitários acerca das elasticidades e limites do conceito de alfabetização de adultos, fortaleceu-se um conceito de alfabetização não meramente instrumental, mas aliado à vida dos alfabetizandos, interligado à função social escolar. Alfabetização interligada ao letramento, como definido por Tfouni (2010) e Soares (2003), a primeira, de caráter escolar e, o segundo, decorrente das necessidades de leituras e escritas em sociedades letradas.



Estando esta proposta de alfabetização engajada à EJA, foram se estruturando as discussões sobre princípios para essa iniciativa escolar. Trabalho que foi administrado não apenas pela universidade, nem tampouco pelo sindicato, mas feito de modo coletivo. Uma alfabetização que por partir de um sindicato de trabalhadores, já nascia próxima à concepção de educação defendida por Paulo Freire. Sobre isso, Paulo Freire (2011, p. 79) diz: “a consciência é gerada na prática social de que se participa”. Alfabetização que é fruto de uma dimensão individual, mas que se alia diretamente com as práticas sociais e nas quais, pelas posições assumidas, toma-se partido. Uma consciência que se vincula às linguagens, já que estas expressam cultura e posicionamentos políticos. Alfabetização na qual os educandos e educadores precisam descobrir-se participantes do processo histórico de construção do mundo. Não uma alfabetização de cópias, mas de juízos.

Com esta inspiração, o sindicato e a universidade começaram a tomar decisões relacionadas ao currículo da alfabetização, aos acertos das condições objetivas para a implantação de salas de aulas nos canteiros de obras, já que, desde seu primeiro *insight*, este projeto nascia como algo peculiar, pois suas salas de aulas seriam distribuídas em prédios que ainda estavam em construção, bastava que já houvesse uma ou duas lajes constituídas que pudesse abrigar a sala de aula. Prédios onde se alojavam em quartos improvisados os operários da construção civil. Lugar onde de dia era o local de trabalho e nas noites se convertia no espaço das aulas do Projeto Escola Zé Peão.

É neste universo das aulas do PEZP que este trabalho se encarregou de analisar um distintivo: o uso do conto como base da alfabetização. Um experimento que alfabetizou mais de 5.000 operários da construção civil na cidade de João Pessoa, deu apoio à formação de mais de 400 professores-alfabetizadores que, nos dias de hoje, seguem cooperando, de forma muito significativa, com a educação na Paraíba e, ainda, serviu de inspiração para o Programa Brasil Alfabetizado, do MEC, segundo afirmou Timothy Ireland, um dos coordenadores gerais desta atividade escolar, por mais de dez anos, durante sua apresentação no encontro com os ex-participantes do PEZP, realizado na sede cultural do SINTRICOM, zona rural da cidade de Santa Rita (PB), em 13/07/2024.

Uma experiência escolar que foi iniciada em 1990 e durou até o ano de 2018. Iniciativa que deixou de fisicamente existir, mas que ainda permanece sendo objeto de diversos estudos, a exemplo da existência de uma pesquisa atual, iniciada em 2023, intitulada de “O legado da Escola Zé Peão no processo de alfabetização de jovens e adultos”, que tenta recuperar a peculiaridade da metodologia desta experiência, sob os



cuidados de Eduardo Jorge Lopes, atualmente, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFPB). Experiência que também foi objeto analisado, de junho de 2024 a maio de 2025, como tema de pós-doutoramento do autor do artigo aqui em tela, o pesquisador José Ramos Barbosa da Silva, intitulado de “A construção de pessoas e mundos: Timothy Denis Ireland e o Projeto Escola Zé Peão”, avaliação que foi um trabalho realizado e concluído sob a custódia do Departamento de Administração Escolar, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte). Ainda, como um estudo a ser feito, há em curso a elaboração de uma pesquisa colaborativa disposta a localizar os ex-alunos do PEZP e saber o que a Escola Zé Peão lhes causou e qual a ocupação e formas de vida destes nos dias de agora – um estudo a ser feito por ex-professores do PEZP. Ou seja, o PEZP é um projeto que não existe mais, porém continua sendo campo de estudo aos desafios atuais da educação ligada aos jovens e adultos.

Diante dessas considerações, este artigo tem o objetivo de demonstrar o alcance do conto, enquanto artifício da alfabetização, como parte da multiplicidade de componentes políticos e didáticos que fizeram a metodologia utilizada pelo PEZP no processo de alfabetização de operários da construção civil. Estudo que revela que o PEZP não se utilizava de “palavras geradoras”, como é constatado em diversas outras experiências de alfabetização de adultos que tomam como inspiração o trabalho realizado por Paulo Freire.

No trabalho realizado pelo PEZP, o conto esteve presente, não um, mas vários, determinando uma escolha consciente feita pelo PEZP, uma estratégia metodológica componente da alfabetização de adultos. Constatação que geraram as seguintes perguntas: a) Há uma razão para a escolha do conto como artifício pedagógico numa experiência de alfabetização de adultos, com trabalhadores? b) Por que o conto e não a utilização de palavras geradoras? c) Qual é o lugar do conto numa experiência de alfabetização de adultos? Assunto que agora assume o eixo central desse trabalho.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

Escolhemos o estudo de caso como caminho para esta apreciação. Trajetória que, conforme Gil (2009, p. 7), é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. E, ainda segundo Gil (2009), o



estudo de caso procura preservar o carácter unitário do fenómeno pesquisado como um todo, ele deve analisar um fenómeno contemporâneo no zelo de não separar o fenómeno do seu contexto, tomado num delineamento pluralista, dialético, valorizando muito mais às qualidades do que às quantidades. Explicação que, numa complementação de Mattar e Ramos (2021, p. 151), procura ser uma investigação detalhada de um caso delimitado, rica e conduzida em profundidade, um estudo definido e descrito em função de determinados parâmetros, resultado de múltiplas fontes de dados, analisado e interpretado com base em uma triangulação dessas múltiplas fontes.

Seguindo as recomendações de Gil (2009) e de Mattar e Ramos (2021), iniciamos nossa análise com um rigoroso delineamento do problema, amparado em técnicas de interrogação, auxiliado por outros métodos ou técnicas de coleta de dados, que incluem a observação, a entrevista e a análise de documentos, além de suportes teóricos que ajudem a situar a experiência em julgamento. No caso analisado aqui, queríamos saber qual é o lugar do conto numa experiência de alfabetização de adultos, trazendo para o foco a experiência vivida no PEZP, pois este, desde sua origem, fez do conto o artifício principal de estímulo à alfabetização de adultos. Um interesse que se originou de observações diretas do autor deste artigo, que de 2008 ao ano de 2010 fez parte da Coordenação Geral deste Projeto e, desde o ano de 1994, foi membro do PEZP enquanto assessor do programa Varanda Vídeo, com pequenas interrupções.

Estudo que, além das observações, *in loco*, considerou relatórios escritos pelos sujeitos/as envolvidos/as na alfabetização de operários-alunos, sob a forma de sequências didáticas, que descreviam as ações a serem exercitadas pelos/as educadores/as e citavam os materiais didáticos a serem utilizados na execução das aulas. Prática comum aos educadores/as, semana-a-semana, cobrada pela coordenação pedagógica do PEZP para a avaliação dos acontecidos no decorrer das aulas. Por esses registros verificavam-se o que deu certo e o que necessitava de reajustes e até de alinhamentos nos rumos pedagógicos. A consulta a essas sequências didáticas foram feitas de modo aleatório, vendo-se a presença de contos nos dois programas principais deste projeto: Alfabetização na Primeira Laje (APL), para os que se diziam analfabetos e o Tijolo Sobre Tijolo (TST), para os que já tinham se iniciado na alfabetização, mas que não conseguiam ler e entender o que liam, ou que não sabiam escrever de modo que outra pessoa sentisse o sentido do escrito, considerando algumas turmas do primeiro ano de aulas do PEZP, em 1991, indo-se aos anos posteriores, até o ano de 2018, período em que se decide encerrar as atividades desta experiência educativa.



Além da verificação destas sequências didáticas, tomaram parte desta análise às dezoito entrevistas que fizeram parte do estudo: *A construção de pessoas e mundos: Timothy Denis Ireland e o Projeto Escola Zé Peão* (Silva, 2025). Porém, para o caso aqui em tela, destas foram selecionadas as falas que faziam referência ao uso do conto como estratégia da alfabetização no PEZP.

Além dos suportes acima citados, como busca da precisão e compreensão dos significados atribuídos pelos indivíduos no vasto campo teórico das discussões sobre a alfabetização de adultos, auxiliaram-nos os estudos de Magda Soares (2016; 2021), as reflexões tecidas por Vera Ireland (2017) e Maria de Lourdes Oliveira (1992), as de Moisés (2013) e Maria (1992), as considerações de Paulo Freire (2011; 2014), as de Mendonça e Mendonça (2008), as de Schwartz (2010), Ferreira (1992; 2007), e as de Kleiman (1995) e Tfouni (2010), sobre as questões que interferem nas escolhas dos métodos de alfabetização de adultos. Andamento que evidencia que a educação escolar é política, problematizadora, não neutra, que deve trazer aos alfabetizados a realidade histórica da qual participam, no intuito de transformá-los em capazes de transformá-la. Contexto teórico que situa a escolha do conto como manha adequada à alfabetização de adultos, artifício nunca desligado da realidade de vida dos trabalhadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Magda Soares (Soares, 2016, p. 330-331), a alfabetização é “um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, no que se refere à faceta linguística dessa aprendizagem”, conceito base de um processo que é escolar, composto de várias facetas, incluindo a linguística e consciências diversas, dentre eles: a sintática, a morfológica, a semântica, a fonológica, a lexical, silábicas, etc., como chamou atenção Soares (2016).

Ainda sobre a alfabetização, esse é um processo de construções históricas, de reinvenções, de mudança de rumos, fruto de debates que têm base nos aspectos de realidades econômico-políticas, como ilustrado por Mendonça e Mendonça (2008). Segundo esses autores, os métodos da soletração, o fônico e o silábico são de caráter sintético, pois partem de uma unidade menor para a maior e, em outra direção, estão os métodos da palavração, da sentencição, dos contos ou textuais, que seguem uma linha analítica da alfabetização.



Ainda como componentes da complexidade que tomam parte nas discussões que norteiam os métodos da alfabetização estão às diferenças entre letramento e alfabetização, realçadas pelos estudos organizados por Kleiman (1995) e por Tfouni (2010). Diferenças entre elementos distintos, mas complementares, como explicado por Magda Soares. Pois, segundo Soares (2021), a escrita surgiu ligada a práticas sociais, econômicas e culturais, criada com o surgimento das cidades e das relações complexas entre seus habitantes, ligada a transações comerciais, normas, leis, acontecimentos, pensamentos. Porém sua aprendizagem é de natureza escolar (alfabetização), sem que possam ser negados os usos sociais da leitura e da escrita (letramento).

Complexidade que foi assimilada pelos que buscavam o jeito de se fazer a alfabetização no PEZP, com destaque às produções teóricas de Vera Ireland (2017) e Maria de Lourdes Oliveira (1992), ocasião na qual as reflexões de Emília Ferreiro (1986; 2007), ao discutir a alfabetização de crianças e adultos como um processo de construção cognitiva, fazia sentido. Contribuições complementadas pelos alertas de Paulo Freire (1977; 2014), de que a alfabetização de adultos é uma ação política, que deve ser guiada por uma abordagem crítica, dialógica e libertadora. Ela não é apenas a aquisição de um “instrumento”, mas caminho de participação em ações políticas, rumo à libertação em favor do oprimido, nunca tida como educação neutra.

Essas questões teóricas, nos anos de 1990, já faziam parte das preocupações dos professores/as do DME/CE/UFPB, que em suas mãos tinham a educabilidade escolar de trabalhadores, porém somavam a essas preocupações a realidade de vida dos operários da construção civil de João Pessoa (PB). Nesse sentido, Maria de Lourdes Barreto de Oliveira, que sugeriu o conto *Benedito, o homem da construção*, como texto-base da alfabetização dos operários-alunos do PEZP, diz que este projeto tinha suas raízes fincadas em políticas sindicais do grupo de trabalhadores que com a chapa Zé Pião assumiu a direção do SINTRICOM, em 1986. E que este sindicato, como forma de mobilizar os trabalhadores, criou um boletim da entidade, que era distribuído aos trabalhadores, mas que esses não conseguiam ler informações escritas, pois eram analfabetos. E que o Estado, à época, através do Projeto Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), confiava aos empresários e a pontuais lutas de trabalhadores por direitos à tarefa da educação. O que fez com que, em 1990, o SINTRICOM em parceria com a UFPB disputasse um lugar para o Projeto Escola Zé Peão, que começou a ter suas primeiras aulas em 1991 (Oliveira, 1992).



Vera Esther Jandir da Costa Ireland (Ireland, 2017) complementa as informações de Maria de Lourdes Oliveira, acrescentando que a escolha do método de alfabetização a ser seguido pelo PEZP foi fruto de muitos debates. Segundo ela, a equipe inicial do PEZP conhecia muitos métodos e seus nomes: sintético, analítico, global, fonético, silabação, palavração, etc., como modelos ideais, mas que, em qualquer um deles, não esgotavam a complexidade do ensino-aprendizagem, pois não garantiam o exercício de uma prática real em sala de aula, daquilo que o método, em teoria, expunha. Isso porque os métodos de alfabetização não são excludentes entre si. Todos eles incorporam, num ou noutro momento, de alguma forma, o que o outro método anuncia. Essa diferença nominal aplica-se à ordem na qual são apresentados os diferentes focos para os quais o alfabetizador chama a atenção dos alfabetizandos: ora a letra, a sílaba, a palavra, a frase, o conto, etc., mesmo quando esses métodos são fundamentados, seja na perspectiva apontada por Paulo Freire, ou pelos parâmetros de Emília Ferreiro, mesmo quando esses se intitulam de construtivista, onde esses elementos são colocados de forma sutil e flexível.

Para a experiência de alfabetização do PEZP, segundo Ireland (2017), essa desmistificação se fez necessária, para a criação de uma lógica própria de alfabetização, numa experiência que ia se fazendo à base de acompanhamentos e de correção de rotas, fugindo de posturas apriorísticas ou idealistas, numa relação entre o desejado e o possível, entre o teoricamente recomendado e o que a prática cotidiana permitia. Tudo intencionalmente regulado por três princípios: (1) O da *contextualização*, que levava em consideração: (a) as condições de inserção no mundo do trabalho dos alunos, principalmente no da indústria da construção civil; (b) as lutas do sindicato, que desencadeou na elaboração do PEZP, que via a alfabetização como instrumento necessário à base de formação política dos operários a que o sindicato representa e que tinha o presidente do sindicato como membro da Coordenação Geral do projeto; (c) a localização da equipe da UFPB, responsável pela condução pedagógica do PEZP, com seus diferentes saberes e competências, cotidianamente discutidos, complementados, confrontados. (2) O da *significação operativa*, numa busca cotidiana de sentido para “o que se fazia”, e “por que se fazia”, confrontando o desejado e o possível. (3) O da *especificidade escolar*, porque se queria que os trabalhadores-alunos aprendessem a ler/escrever-textos, garantindo-lhes a passagem do mundo exclusivo da oralidade para, também, o mundo da lecto-escrita, a alfabetização *strictu senso*. No PEZP, a matemática era comum aos dois programas: APL e TST.



O conto a que Lourdes Barreto de Oliveira se refere é o *Benedito – um homem da construção*, um texto construído por ela, mas, a partir de conversas com trabalhadores, ele foi retrabalhado ao longo da experiência, com sugestões vindas pela equipe do PEZP. Esse conto, ele codifica os temas a serem trabalhados pelos alfabetizadores e traz elementos que aproximavam à Escola Zé Peão ao universo vivido pelos trabalhadores. Ele fala do homem que veio do interior para trabalhar na capital; do trabalho na construção civil de levantar edifícios, casas, pontes, serviço que faz a cidade maior. Fala dos serões, da necessidade de trabalhar até nos sábados e feriados. Fala do trabalho por produção, da diversidade de ocupações presentes na indústria da construção civil. Um trabalho que, à época, era feito quase que exclusivamente por homens. Um conto que falava do universo de vida destes trabalhadores. Porque conto é contar, ele contém um só drama, um só conflito, uma só história, e obedece a categoria “tempo”.

Segundo Moisés (2013), o conto é de gênese desconhecida, remonta aos primórdios da própria arte literária. No século XX, ele desenvolveu sutilezas que lhe acentuou sua fisionomia estética. Para Maria (1992), quem conta um conto aumenta um ponto, pois essa magia, o conto, em sua forma primitiva, nasce como uma narrativa oral. Nele pode haver malícia, suspense, fantasia, realismo. Segundo ela, até o século X, o conto era de criação coletiva, servia para designar a forma popular folclórica, daí sem autoria. O conto viveu sua época de esplendor no século XIX, quando assume uma estrutura diferenciada e passou a ser um gênero literário amplamente cultivado. Ele não se encerra em compartimentos estanques ao estilo do “já feito”, ele acompanha a vida, em sua constante mutabilidade. O conto se caracteriza por ser um texto curto, em prosa, que diz o que precisa em um número reduzido de páginas ou linhas, relatando ações, personagens, ideias ou efeitos emocionais, cenários ou atmosfera. Sua narrativa, quase sempre, ruma para um desfecho inesperado.

Conto é contar. Mas, contar algo, ou ler um conto, no que isso se relaciona com a alfabetização de adultos? Numa explicação de Vera Ireland (2017), o conto *Benedito – um homem da construção* codifica temas a serem trabalhados pelo professor. Ele retrata, de certa maneira, uma perspectiva político-pedagógica assumida tanto pelo Sindicato dos Trabalhadores quanto pela equipe pedagógica do PEZP. Ele cria a possibilidade “de situações para o ensino da leitura/escrita, com a derivação de frases, palavras, sílabas e letras a servirem de foco para a chamada de atenção dos alfabetizandos” (V. Ireland, 2017, p. 79). Ainda sobre seus usos na alfabetização, Oliveira destaca:



No texto como um todo, trata-se de fazer da matéria viva da vida e do trabalho do operário da construção civil, o objeto privilegiado da ação escolar e a mediação pela qual o trabalhador se apropria de linguagens básicas (a escrita e a leitura) com que se move a civilização moderna. Trata-se, ao mesmo tempo, de colocar em outro nível, que não o de mera oralidade e do senso comum, aspectos sociais das relações de trabalho e de vida experimentadas pelo trabalhador-aluno. Trata-se, enfim, de pensar a prática recriada do simbólico e adentrar-se nesse simbólico descobrindo a vida que ele esconde e a lógica de sua construção. (Oliveira, 1992, p. 50/51).

De acordo com Oliveira (1992), coube à Escola Zé Peão juntar ao homem-trabalhador a apropriação da linguagem escrita, um rompimento com a dominância exclusiva da cultura oral à qual esses trabalhadores dominam e se movimentam. Aprendizagem da linguagem escrita que se anexa a uma forma de conteúdo ao se discutir com esses agentes sobre sua práxis produtiva, viés que traz para o aluno-trabalhador um pensar sobre o seu trabalho em níveis novos, mas, nem por isso, ele será menos explorado. Apesar disso, com o domínio da lecto-escrita, ele seja menos diferenciado numa sociedade que se move com a escrita.

Quase sempre, muitos dos que se matriculavam no PEZP afirmavam o desejo de poder assinar, com punho próprio, o seu próprio nome. Por isso, Vera Esther (2017) destaca do conto *Benedito – um homem da construção* o trecho “Meu nome é Benedito. Sou do interior. Moro na Capital”, como primeiro assunto a ser trabalhado, tratando o tema Identidade, com perguntas tais como: Quem é o Benedito? Quem sou eu? Quem é o aluno da Escola Zé Peão? Etc. Um conto que foi utilizado no programa APL, e que, como Vera Ireland sugere, trazia uma constelação de subtemas. Entretanto, para outros níveis do processo de alfabetização, por exemplo, o TST, se tinha o conto *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2024), como material de apoio. Contos que fizeram a dinâmica da alfabetização do PEZP até o ano de 2001. Depois, atentou-se à possibilidade de se ter outros contos, com destaque ao *Vasto Mundo*, de Maria Valéria Rezende (2001). Pouco a pouco, os operários com seus próprios contos, de seus desejos ou historietas de si ou do seu lugar, expressados de forma oral, passaram a ser o suporte da alfabetização. Os alfabetizandos, com suas contagens de histórias, e até letras de músicas, passaram a compor o conto. Perguntavam-se: Como podemos escrever isso? E, os alfabetizandos, com suas hipóteses, para a atividade escrita, sugeriam sílabas, letras, e tudo o que compõe a tecnologia da escrita. Alguns desses contos foram impressos no livro: *Construção: a Estória do Trabalho que virou Escola contada pela Escrita de quem faz*



História (2006). Uma lógica construtivista da lecto-escrita, porém assumida como uma alfabetização-crítica, que lembrava a condução escolar freireana.

Uma alfabetização que se iniciava com contos e que, além dos programas *APL* e *TST*, contava com outros, o *Varanda Vídeo*, que com vídeos discutia temas variados – ecologia, racismo, AIDS, machismo, gênero, etc.; o programa *Educação Nutricional e Saúde*, que discutia a saúde do homem e os cuidados preventivos contra doenças sexualmente transmissíveis (DST) e sobre a relação da alimentação com a saúde; o da *Biblioteca Volante*, que divulgava livros de diversos gêneros, com leituras e empréstimos aos operários; o da *Ação Cultural*, que levava os operários ao cinema, teatro, exposições, museus e a festas populares; o da *Educação Móvel*, que com os operários exercitava a alfabetização no mundo digital, com o uso de celulares, *tablets*, e outras mídias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabia-se, desde sempre, que a alfabetização de adultos operários não poderia ser reduzida a um método que apenas se preocupasse com o mecanismo da decodificação ou codificação de um sistema de escrita. Entre os coordenadores do PEZP havia a consciência de que não era bastante a escolha de um método de alfabetização por uma simples definição nominal, era presente em suas discussões as polêmicas que circundam a escolha de métodos para a alfabetização, fosse ele sintético ou analítico. Viveu-se no PEZP uma alfabetização que extrapolava o muro de conteúdos escolares aprisionados somente à escola. O que se fazia era a leitura do mundo e, junto a isso, cuidava-se de expressar essas leituras em textos e palavras. Mundo desvelado através de contos, como sugeriu Maria Valéria Rezende: *para a Escola Zé Peão, eu não penso necessariamente no conto escrito, mas no conto oral, da vida dos alunos, que podem ser transmitidos para outros através da escrita, transformado em livro.* (Maria Valéria Rezende. Entrevista 15. 02/09/2024). Contos que eram discutidos, problematizados, compreendidos, e que viravam artifício de alfabetizações, no plural mesmo. Aprendia-se a discutir, argumentar, ler, escrever e a lutar por uma vida melhor. Tudo ali já dizia: a vida equivale a lutas, e aprender a ler e escrever é uma dessas. Uma escola que acontecia dentro do próprio ambiente de trabalho, mais que não se vinculava somente a ele. Havia programas que revelavam outras alamedas, outros caminhos do mundo, deixando vasto o mundo da alfabetização. Assim, o PEZP, se contado, já é um conto.



Uma experiência escolar que fez do conto uma manha, um jeito ardiloso de alfabetizar adultos, porque se sabia que o que falamos não são palavras, mas contos. Não um, mas vários!

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/1996. In: https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf
- BRASIL. Ministério da Educação. Confinte VI: Marco da ação de Belém. Brasília (DF): MEC /UNESCO, 2010.
- BRASIL. República Federativa do Brasil. Constituição 1988. In: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- FERREIRO, E. Alfabetización de niños y adultos. México: CREFAL, 2007.
- FERREIRO, Emilia. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 38 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GIL, A. C. Estudo de caso: fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados, como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.
- IRELAND, V. E. J. C. Alfabetização de adultos e seus métodos – Relato de uma experiência. In: IRELAND, T. D.; SILVA, E. J. L.; ARAÚJO, L. M. Aprendendo com o trabalho: 25 anos da Escola Zé Peão. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.
- KLEIMAN, A. B. (ORG). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- MARIA, Luzia de. O que é conto. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. Metodologia da pesquisa em Educação: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2021.
- MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. Alfabetização, método sociolinguístico: Consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MOISÉS, Massaud. Dicionários de termos literários. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- OLIVEIRA, M. L. B. A educabilidade do trabalho: seu realismo em uma experiência educativa com trabalhadores. In: Revista Temas de Educação. Nº 2. João Pessoa: UFPB/CE/ME, 1992.
- OLIVEIRA, M. L. B. Benedito, um homem da construção. Livro de leitura para jovens e adultos trabalhadores. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1995.
- PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO. Construção: A Estória do Trabalho que virou Escola contada pela Escrita de quem faz História. João Pessoa: SINTRICOM, 2006.
- RAMOS, G. Vidas Secas. São Paulo: Lafonte, 2024.
- REZENDE, M. V. Vasto mundo. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.
- SILVA, J. R. B. A construção de pessoas e mundos: Timothy Denis Ireland e o Projeto Escola Zé Peão. Belo Horizonte: UFMG/FaE/GRUPEJA, 2025. (DIGITALIZADO).
- SOARES, M. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2003.
- SOARES, M. Alfalettar: toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Contexto, 2021.
- SOARES, M. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.
- TFOUNI, L. V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 2010.

